

REINO CELESTE

por

Eduardo Morais de Sousa

Versão 3

2ª revisão

18 de Agosto de 2009

Rua do Cunha, 145, hab. 01 - 4200-251 PORTO
T: 91 409 29 28
E: edsousa(a)gmail.com

1 INT. COMBOIO - DIA

O comboio percorre uma antiga paisagem suburbana, onde grandes moradias e ruas degradadas se misturam. Este cenário desfila da esquerda para a direita, enquadrado pela janela da carruagem. Sobre isto são sobrepostos os CRÉDITOS INICIAIS.

É VIOLETA quem observa a paisagem. Viaja só. Aparenta cerca de trinta anos e veste-se no estilo sóbrio mas sofisticado recomendado pelo seu emprego numa galeria de arte, um uniforme profissional que já não consegue despir, nem mesmo nesta viagem.

VIOLETA está apreensiva com o regresso a um lar onde há muito não pertence.

2 EXT. RUA / JARDIM - DIA

VIOLETA, mochila às costas, percorre lentamente uma rua de grandes vivendas em decadência, com o pavimento levantado pelas raízes das árvores. O mar está perto. Ouvem-se as gaivotas. O seu destino é uma enorme casa centenária de fachada suja, em redor da qual existe um jardim delimitado por um pequeno muro de betão complementado por um gradeamento enferrujado. VIOLETA abre o portão exterior, colocando a mão entre o gradeamento de forma a puxar o trinco.

O pequeno jardim em redor da casa está num estado razoável, apesar de algumas pequenas estátuas e jarrões partidos. VIOLETA sobe os poucos degraus até à porta de entrada da casa e toca três vezes no botão da campainha.

Enquanto espera, VIOLETA olha para cima: Sobre a entrada encontra-se hasteada uma bandeira azul celeste, com uma estrela branca de oito pontas no centro.

Um disparar electromecânico e a porta abre-se. VIOLETA entra.

3 INT. ENTRADA - DIA

VIOLETA fecha a porta atrás de si. A entrada é algo sombria, com luz proveniente de uma clarabóia, feixes visíveis por causa do pó. Diversas telas, ilustrações botânicas na maioria, estão penduradas nas paredes. A um canto estão empilhados alguns caixotes de cartão.

3 CONTINUAÇÃO:

JOSÉ entra no hall, a mancar. Homem de quase sessenta anos, alto e de aspecto frágil, tímido mesmo com a sua filha. VIOLETA pousa a sua mochila.

JOSÉ

Olá Violeta. Tudo bem?

VIOLETA

Olá pai. O que é que te aconteceu?

JOSÉ

Nada de especial. Devo ter dado um jeito na anca a carregar os caixotes.

JOSÉ dá um beijo na fronte da filha.

VIOLETA

A Nádia devia ajudar-te com isso.

JOSÉ

Ela tenta ajudar... Mas a tua irmã está sempre a pedir-lhe coisas. Tu já sabes como é.

VIOLETA

Mas a Celeste também te devia ajudar... Não é?

JOSÉ muda de assunto:

JOSÉ

Não faz mal. Queres que leve a tua mochila lá para cima?

VIOLETA

Deixa estar, eu levo.

JOSÉ

Viste o jardim?

VIOLETA

Vi... está mais arranjado...

JOSÉ

Sabes que agora o teu pai tem que se entreter com alguma coisa...

VIOLETA olha à sua volta. Vê pousado num caixote um quadro com espécimens de borboletas. Pega nele.

3 CONTINUAÇÃO:

VIOLETA

Estas são bonitas. Nova Guiné?

JOSÉ espreita o quadro e lê a legenda.

JOSÉ

"*Erasmia pulchella*". Não tenho bem a certeza, mas acho que sim.

VIOLETA

Mas então? A Celeste?

JOSÉ

Acho que anda melhor.
Está lá cima com a Nádia.

VIOLETA pousa o quadro no caixote, agarra a mochila, começa a subir as escadas.

JOSÉ (CONT.)

Violeta.

VIOLETA volta-se para trás.

JOSÉ (CONT.)

Tem calma com a tua irmã.

VIOLETA sobe as escadas. JOSÉ observa-a e depois retira-se para outra sala.

4 INT. SALÃO - DIA

Um pequeno gira-discos de plástico está pousado num escadote. Um disco gira sem que se oiça música, tendo chegado ao final. Apenas um ligeiro ruído granular ecoa pelo grande salão que hoje se assemelha a uma oficina: O tecto em mau estado, o papel de parede rasgado, os espelhos pousados em cavaletes, tudo o tipo de lixo espalhado pelo chão. A luz entra por enormes portadas.

No centro do salão está CELESTE. Um pouco mais nova que Violeta, extremamente pálida, longos cabelos pretos encaracolados, roupa preta. Está concentrada no visor da Rolleiflex que tem diante de si, fixa num tripé.

Diante de CELESTE, focada no visor da médio-formato, está NÁDIA. Posa de pé, diante de uma cortina verde.

4 CONTINUAÇÃO:

NÁDIA tem feições eslavas e aparenta cerca de vinte e cinco anos. Tem cabelos loiros pelos ombros, usa um simples vestido branco, justo. Está descalça. Torce o corpo sensualmente, mão na cintura. Nos lábios tem o sorriso de quem viajou ao outro extremo da Europa para brincar ao faz-de-conta. CELESTE dispara o cabo do obturador.

VIOLETA entra no salão, pousa a sua mochila junto da porta. Ambas as mulheres a ignoram enquanto se encaminha na direcção de CELESTE, que dispara mais uma vez. VIOLETA tenta espreitar para o visor da câmara.

CELESTE

Olá. Espera.

NÁDIA muda de pé de apoio, coloca-se de costas para a câmara, olha para CELESTE por cima do ombro. CELESTE dispara a Rolleiflex duas vezes. VIOLETA aproxima-se do gira-discos e desliga-o.

CELESTE ignora a câmara. Sem uma palavra NÁDIA retira-se para trás de um biombo.

VIOLETA

Estrela, então?

VIOLETA aproxima-se e tenta tocar no braço da irmã, que recua imediatamente. CELESTE raramente tolera o contacto físico e o contacto visual. VIOLETA tenta olhá-la nos olhos, CELESTE é esquiva.

VIOLETA (CONT.)

Porque é que vocês não estão a ajudar o pai?

CELESTE

Já não quero mudar de casa.

VIOLETA

Então! Até parecias tão entusiasmada de início...

O olhar de CELESTE ignora a irmã diante de si.

VIOLETA (CONT.)

O que se passou?

CELESTE

Já não quero.

4 CONTINUAÇÃO:

VIOLETA

Mas porquê? Tens que ter uma razão...

CELESTE

Estou bem aqui. Não quero mudar.

VIOLETA

Estrela, mas sabes que... temos mesmo que sair. Para se vender a casa. Precisa de muitas obras e nós não temos dinheiro.

CELESTE senta-se num banco, olhar fixo no chão.

VIOLETA (CONT.)

E é demasiado grande, de qualquer maneira.

CELESTE

E as minhas coisas?

VIOLETA agacha-se, segura levemente a mão da irmã.

VIOLETA

Vais ter que escolher, não podes ficar com tudo... Mas aluguei um T3. Vais ter um quarto só para ti, com muito espaço...

NÁDIA sai de trás do biombo e encaminha-se para a porta, ainda a atar uma simples bata negra. Calçou um par de ténis. Abre a porta e olha CELESTE nos olhos. CELESTE corresponde esse olhar e sorri. VIOLETA olha também para NÁDIA, que sai e fecha a porta.

VIOLETA (CONT.)

Celeste?

CELESTE

(levantando-se)

Não sei. Agora tenho coisas para fazer. Está bem? Daqui a bocado falamos. Pode ser?

VIOLETA

Está bem...

VIOLETA suspira. CELESTE abraça-a de súbito com bastante força, beija-a atrás da orelha, e logo a larga. Ri-se e corre na direcção da porta. Sai.

5 INT. BIBLIOTECA - DIA

VIOLETA entra. Numa das paredes da biblioteca existe uma bandeira bordada à mão - novamente, azul celeste com uma estrela branca no centro. VIOLETA olha brevemente para as estantes semi-despidas enquanto tenta não tropeçar nos livros empilhados no chão.

No centro da sala há uma enorme mesa, onde está um computador portátil, o seu ecrã a negro. VIOLETA mexe na 'pad' e surge o Site Oficial do Reino Celeste. O design é amador. A bandeira azul esvoaça num mau 3D. VIOLETA clica num link onde depara com uma foto de CELESTE em traje de estadista (vestido azul e faixas) sentada com a mão sobre um globo.

VIOLETA suspira, vai até à janela. Vê JOSÉ no jardim, a aparar as roseiras com uma tesoura. Volta a sua atenção de novo para a mesa. Há uma caixa de madeira com um tampo de vidro, contendo várias pedras em pequenos compartimentos. Um portfolio aberto numa página onde estão colados diversos tipos de folhas. VIOLETA pega num Atlas. Uma página fora acrescentada, colada com fita-cola.

CELESTE entra na biblioteca. Tem um livro encadernado à mão debaixo do braço. VIOLETA lê-lhe em voz alta:

VIOLETA

"Reino Celeste, população três habitantes.
Área, 550 metros quadrados. Fronteiras,
Portugal a Norte e a Leste, Portugal a Sul
e Oeste."

CELESTE estende-lhe o livro que trazia.

CELESTE

Tens é que ler este, Vi.

VIOLETA pousa o Atlas e aceita o livro. Lê a capa:
"Constituição do Reino Celeste".

CELESTE (CONT.)

A Nádia acha que devíamos ser um
principado.

(sorrindo)

Assim eu era a Princesa.

CELESTE aponta para o portfolio.

5 CONTINUAÇÃO:

CELESTE (CONT.)

Já viste as minhas folhas? Caíram todas no nosso jardim.

VIOLETA pousa a Constituição. Circula pela sala.

VIOLETA

Sabes que podes ir ao Museu ver folhas que nunca viste. Ou pedras. Também podes ir a feiras. Podes trocar livros...

CELESTE

Eu agora faço isso tudo na Internet. Veio cá um senhor instalar.

VIOLETA cerra o punho, range os dentes. Depois ri-se.

CELESTE (CONT.)

Estou bem aqui.

VIOLETA

Sabes que temos que vender esta casa. Mas continuas com o pai... É só uma mudança... É normal...

(olhando-a nos olhos)

Celeste, olha para mim quando falo contigo. Por favor.

VIOLETA estende a mão e tentar tocar no braço da irmã, que mais uma vez recua instintivamente. CELESTE limpa as palmas das mãos à sua saia, e a medo pergunta:

CELESTE

E a Nádia?

VIOLETA

Sabes que não lhe podemos pagar... Mas o pai já não trabalha, ele agora toma conta de ti.

CELESTE senta-se em frente ao computador, nem olha na direcção da irmã. Muda de assunto com um nó na garganta:

CELESTE

Podemos falar depois? Tenho muitas coisas para fazer aqui. Acho que o site está um bocado feio, não achas? Depois falamos... mais logo.

5 CONTINUAÇÃO:

CELESTE (CONT.)

(esforçando-se para olhar
a irmã nos olhos)

Eu prometo, vá.

VIOLETA sai da biblioteca e fecha a porta. CELESTE usa o computador: fecha a janela com seu site e abre uma nova, onde surge um jogo de estratégia ao estilo "Sim City". No canto inferior direito do painel de jogo, estão as palavras "Reino Celeste" e a bandeira azul com a estrela de oito pontas.

6 EXT. JARDIM - DIA

Nas traseiras do jardim, JOSÉ está a plantar sementes nos vasos que tem pousados numa pequena banca.

VIOLETA sai da casa por uma porta lateral. Vem ao encontro do pai e acende um cigarro. JOSÉ olha para o cigarro com olhar reprovador.

JOSÉ

Conseguiste falar com a tua irmã?

VIOLETA

Sim. Não sei que lhe fazer. Dá-me é vontade de a puxar pelas orelhas daqui para fora.

JOSÉ

Violeta...

(suspira)

Já sabes que a tua irmã não tem culpa de ser como é. Devias ser mais tolerante.

(olhando VIOLETA nos
olhos)

Achas que conheces bem a tua irmã?

VIOLETA

Acho que sim...

JOSÉ

(continuando o que estava
a fazer)

Pois. Há quantos anos é que saíste de casa?
Treze anos?

VIOLETA

Em noventa e sete... doze.

6 CONTINUAÇÃO:

JOSÉ

Há doze anos...
E quantas vezes vinhas cá a casa? Uma vez
por mês? Ou nem isso...

VIOLETA

Mas telefonava.

JOSÉ pousa os utensílios. Olha para a filha:

JOSÉ

Não te apercebes dos progressos que a tua
irmã teve? Ela praticamente não falava.
Tínhamos que lhe fazer tudo. Tu, é claro,
tinhas imensos ciúmes... Mas olha agora:
(sorri)
A tua irmã faz coisas. Fotografa,
desenha...

JOSÉ pega num vaso e transporta-o para a parte frontal do
jardim. VIOLETA acompanha-o.

JOSÉ (CONT.)

Sabes que eu e a vossa mãe tentámos sempre
fazer aquilo que achámos certo. Trouxemos
cá os professores, os médicos...
Mas a Nádia é que tem feito maravilhas pela
tua irmã.

JOSÉ pousa o vaso num jarrão de cimento. VIOLETA deita as
cinzas para o chão. JOSÉ olha para as cinzas, desagradado.

JOSÉ (CONT.)

Antes se calhar não estivemos a fazer bem.
Provavelmente a tua irmã até podia ter ido
para uma escola própria.
(suspira)
Mas quando a tua mãe faleceu...

Silêncio. VIOLETA olha para a bandeira hasteada na casa e
aproveita para mudar o assunto:

VIOLETA

Olha, que história é esta agora do 'Reino
Celeste'?

JOSÉ

Tu sabes. A tua irmã arranja sempre um
hobby novo...

6 CONTINUAÇÃO:

JOSÉ (CONT.)

Agora é isto dos países inventados. Leu uma reportagem numa revista e achou-lhe piada.

VIOLETA

E ainda continua com a fotografia.

JOSÉ volta para as traseiras, VIOLETA segue-o.

JOSÉ

Sim. Isso ela adora. E tem mesmo jeito. Talvez um dia ela possa expor lá na galeria...

VIOLETA

Teria que falar com o dono. Mas é difícil. E o que é que tencionas fazer a seguir?

JOSÉ

(rindo)

Oh, para já ainda há tanta coisa por fazer...

Na banca, JOSÉ pega noutro vaso. Pai e filha voltam para a frente.

JOSÉ (CONT.)

Vou acabar de pôr este jardim bonito, depois tenho que organizar o leilão.

VIOLETA

Podias contratar alguém.

JOSÉ

Não quero cá agências ao barulho. Depois, logo vejo. Talvez seja desta que escrevo um livro...

JOSÉ encaixa o vaso noutro jarrão de cimento. Recupera o fôlego.

JOSÉ (CONT.)

Enfim, vou ter saudades de dar aulas.

VIOLETA

E a Nádia? Vai-se embora já?

JOSÉ

Tem de ser. Acho que já tem outra casa onde trabalhar. Um miúdo autista.

6 CONTINUAÇÃO:

VIOLETA apaga o cigarro no jarrão antes de o atirar para o chão.

JOSÉ (CONT.)

Violeta! Então estou aqui a arranjar o jardim...

VIOLETA

Desculpa.

VIOLETA abaixa-se e pega na ponta do cigarro. JOSÉ volta para as traseiras.

7 INT. QUARTO DOS HÓSPEDES - DIA

VIOLETA entra no pequeno quarto. O papel de parede é verde escuro, a mobília bastante simples. NÁDIA está escondida num canto atrás do guarda-vestidos.

VIOLETA

Nádia!

NÁDIA faz um gesto de silêncio, indicador nos lábios.

CELESTE surge à porta do quarto e desata imediatamente a correr para o andar de baixo. NÁDIA sai disparada em perseguição. Ecoam risos pelo corredor.

VIOLETA retira o plástico que cobre a cama. Os risos agora vêm do jardim. VIOLETA aproxima-se da janela e observa: CELESTE persegue NÁDIA pelo jardim, consegue alcançá-la e empurra-a para o lado, conseguindo tocar primeiro no muro. CELESTE e NÁDIA ficam encostadas ao muro, rindo e recuperando o fôlego.

VIOLETA deita-se na cama, sentindo a independência a esvair-se da sua vida.

8 INT. CORREDOR + QUARTO DE BANHO - DIA

A canção 'Summertime', cantada por Billie Holiday, ecoa pelos corredores. VIOLETA sai da biblioteca e caminha lentamente, procurando a origem da música. Encontra entreaberta a porta do quarto de banho. Espreita para o interior.

8 CONTINUAÇÃO:

No chão está o mesmo gira-discos portátil que antes estava no Salão. CELESTE toma um banho de imersão numa antiga banheira. NÁDIA lava-lhe o cabelo, massajando-a lentamente. CELESTE acaricia-lhe o braço, agarra-o, puxa-o para si.

VIOLETA deixa-as. Ouvem-se risos, a água a chapinar.

9 INT. QUARTO DOS HÓSPEDES - FINAL DE TARDE

O Sol entra pela janela, filtrado pelos ramos de uma árvore. VIOLETA está deitada em cima da cama, folheando um antigo livro de ilustrações mitológicas.

CELESTE abre a porta. Veste um roupão branco, tem os cabelos húmidos. Encosta-se à ombreira.

CELESTE
(baixinho)
Vii...

VIOLETA
Hum?

CELESTE
Precisava da tua ajuda.

VIOLETA levanta-se lentamente.

CELESTE (CONT.)
A Nádia vai ajudar o pai com o jantar. Não me queres vir tirar umas fotos?

VIOLETA
(rouca)
Está bem. Mas depois vamos fazer a tua mala.

CELESTE
Oh.

VIOLETA
Combinado?

CELESTE
(suspirando)
Está bem.

CELESTE sai do quarto. VIOLETA espreguiça-se.

10 INT. SALÃO - FINAL DE TARDE

CELESTE ajusta um espelho num cavalete, de forma a fazer mais alguma luz incidir na cortina verde, quando VIOLETA entra. CELESTE vai até junto do biombo onde dois vestidos estão estendidos num banco. Um é castanho com um padrão floral, outro é um vestido de alças branco com bolinhas encarnadas. Mostra-os a VIOLETA.

CELESTE

De qual é que gostas mais?

VIOLETA

Ora deixa-me ver melhor.

VIOLETA aproxima-se. CELESTE põe um vestido à sua frente, depois outro, depois outra vez o primeiro.

VIOLETA (CONT.)

Gosto mais de te ver com o das bolinhas.

CELESTE

Achas?

VIOLETA

Sim, veste esse.

CELESTE atira o vestido castanho para cima do banco. Retira-se para trás do biombo. VIOLETA olha para o salão vazio. CELESTE pergunta, de trás do biombo:

CELESTE

Se sairmos daqui... Arranjas-me algum sítio para eu poder continuar a tirar fotos?

VIOLETA

Podes tirar fotos em qualquer lado.

CELESTE

Tu entendes. Tirar fotos assim. É assim que gosto.

VIOLETA

Bem, podemos tentar. Talvez o dono da galeria onde trabalho te possa ajudar. Até já falei disso com o pai.

CELESTE

Isso era bom.

10 CONTINUAÇÃO:

CELESTE sai de trás do biombo, usando o vestido de alças. Descalça, sem óculos e com o cabelo ainda um pouco húmido. Encaminha-se para junto da câmara e VIOLETA segue-a.

CELESTE (CONT.)

Eu tenho andado a pensar. Porque é que não transformamos a nossa casa num museu?

CELESTE espreita a Rolleiflex.

CELESTE (CONT.)

Sabes focar não sabes?

VIOLETA

(espreitando pelo visor)

Sim.

(para CELESTE)

Um museu de quê?

CELESTE coloca-se à frente da cortina.

CELESTE

Das minhas coisas. Das coisas dos avós.

Temos tanta coisa...

Podes disparar quando quiseres.

VIOLETA espreita pelo visor e vê a imagem desfocada da irmã. Foca a imagem. A luz de final de tarde ilumina CELESTE lateralmente. Ela roda a cintura mostrando a sua silhueta. Olha para a câmara. VIOLETA dispara, olha para a irmã, que só tem olhos para a câmara.

VIOLETA

Estrela, fazes ideia do dinheiro que construir um museu custa?

CELESTE baixa a cabeça, VIOLETA dispara novamente.

VIOLETA (CONT.)

Talvez algumas coisas se pudessem doar a um museu grande...

CELESTE aproxima-se da câmara, saindo de foco.

CELESTE

Não. Não. Porque é que não tentamos? O Governo podia ajudar...

VIOLETA enfrenta a irmã. Desenha as aspas com os dedos:

10 CONTINUAÇÃO:

VIOLETA

Não dá, a sério... era mais fácil um museu do teu "Reino Celeste".

O cinismo perde-se. CELESTE dá novo passo atrás. VIOLETA agarra no tripé e aproxima a câmara, espreita pelo visor. Ajusta o foco.

CELESTE

A sério? Achas?

CELESTE vira-se de costas e fita a câmara. VIOLETA dispara, depois olha para a irmã.

VIOLETA

Estrela... sabes que nos ofereceram muito dinheiro por este terreno. E é isso ou não termos dinheiro para as obras.

CELESTE vira-se novamente para a frente, inclina-se mostrando um pouco de decote, os cabelos caem à frente dos olhos. VIOLETA dispara.

VIOLETA (CONT.)

E agora, com o pai reformado. Ele pode ajudar-te no que for preciso. Não é?

CELESTE ignora a irmã, olha para a janela. VIOLETA dispara.

VIOLETA (CONT.)

Celeste...

VIOLETA olha para a irmã.

VIOLETA (CONT.)

É a Nádia, não é? Gostas dela.

CELESTE fica imóvel.

VIOLETA (CONT.)

Estrela?

CELESTE ignora a irmã. Os seus olhos humedecem-se. VIOLETA dispara. E dispara outra vez.

11 INT. COZINHA - NOITE

Em contraste com o resto da casa, a cozinha é pequena e estritamente prática. Os armários e a mesa são de fórmica e contraplacado, a banca é de mármore. O chão quadriculado está gasto.

Sobre a mesa há uma travessa, pratos e talheres requintados. VIOLETA, NÁDIA e JOSÉ comem silenciosamente. Carne cozida com arroz de ervilhas.

CELESTE brinca com as ervilhas e um garfo. Depois, pega numa ervilha e atira-a ao ar com o polegar e o indicador, tenta apanhá-la com a boca aberta e falha. Ninguém comenta. CELESTE repete o processo e falha outra vez. Levanta-se aborrecida, atira o seu guardanapo para cima da mesa.

CELESTE

Não me apetece mais.

CELESTE, que continua com o vestido às bolinhas mas calçou umas botas, sai da cozinha a correr, os seus passos criando ressonância nas escadas. NÁDIA pega no seu guardanapo, limpa a boca, pousa-o sobre a mesa, levanta-se e também sobe as escadas. VIOLETA também se tenta levantar, mas JOSÉ agarra-a pelo braço.

JOSÉ

Deixa a Nádia ir. Elas têm muito que falar hoje.

JOSÉ e VIOLETA ouvem os passos de NÁDIA nas escadas.

VIOLETA

Não percebo... Como é que permites isto?
Achas normal?

JOSÉ

(suspira)

O que seria normal, Violeta?
A tua irmã ser uma infeliz?

VIOLETA

Não é isso...

JOSÉ

Ela ficar fechada sem falar com ninguém?
Ou a falar coisas que só ela entende?

11 CONTINUAÇÃO:

JOSÉ pausa os seus talheres.

JOSÉ (CONT.)

A Celeste é uma pessoa muito inteligente. Fazes ideia a frustração que deve ser quereres fazer coisas, e dizer coisas, e o teu corpo, a tua boca, não te obedecerem? Filha, põe-te no lugar dela! Já imaginaste o que é desejares que te abracem e contraíres-te quando isso acontece?

VIOLETA

Pai, eu sei...

JOSÉ

Espera Violeta, agora deixas-me acabar: Se alguém consegue chegar a ela, aquilo que nunca consegui... E se faz a Celeste feliz... É tudo o que eu quero.
(suspira)
A tua mãe foi assim para mim.

JOSÉ emociona-se. VIOLETA por momentos não sabe o que dizer. JOSÉ limpa os olhos com um guardanapo.

JOSÉ (CONT.)

Entende, toda a gente precisa de um sítio onde se sintam bem. Deixa a Celeste bordar bandeiras. Porque é que as pessoas decoram as casas, querem ter um palácio, outras um bar, ou um hotel... ou uma oficina na cave? Não é?

VIOLETA

Pai, desculpa...

JOSÉ

É por isso que também sei que tens a tua vida e preferias não dividir a tua casa connosco.

Silêncio. Violeta pausa os seus talheres e limpa a boca, embaraçada.

JOSÉ (CONT.)

Mas gostava que não nos visses como um embaraço.

11 CONTINUAÇÃO:

VIOLETA

Pai, vocês não são...

JOSÉ

Eu gostava de acreditar, Violeta.

VIOLETA

Não sei que te diga.

JOSÉ

Não digas nada.

VIOLETA acaba por quebrar o silêncio que se instala:

VIOLETA

Dás-me licença?

Eu devia ir lá cima falar com a Celeste.

JOSÉ

Vai lá. E sabes...

VIOLETA levanta-se.

JOSÉ (CONT.)

A Celeste não diz, mas adora-te.

VIOLETA sobe as escadas.

12 INT. QUARTO DE CELESTE - NOITE

VIOLETA abre a porta. CELESTE tem a cabeça deitada no colo de NÁDIA, que está sentada na cama. Assistem a um filme Super8 projectado num pano branco estendido na parede. Nessa película, vários planos rápidos mostram a MÃE numa praia, óculos de sol e fato de banho ao estilos dos anos 70: a mulher ri-se, corre pela areia, deixa pegadas. Beija a objectiva da câmara que a filmava.

NÁDIA olha para VIOLETA, faz CELESTE sentar-se. Depois levanta-se e sai do quarto. VIOLETA senta-se ao lado de CELESTE, na penumbra. CELESTE tem lágrimas nos olhos.

VIOLETA

A mãe era mesmo bonita.

E gostava mesmo do pai.

12 CONTINUAÇÃO:

CELESTE

(rouca)

Acho que isto foi na lua-de-mel deles.
Antes de nascermos.

VIOLETA

Já nem me lembrava que tínhamos estes
filmes.

CELESTE

Temos muitos... O pai está sempre a vê-los.

Na projecção vemos um plano da MÃE em bikini, recostada numa
cadeira de praia de madeira, apanhando banhos de sol. CELESTE
começa a chorar. A película chega ao fim, a tela fica
iluminada por uma projecção branca. VIOLETA abraça-a, fala-
lhe ao ouvido.

VIOLETA

Estrela. Anda cá, diz-me uma coisa.
Estás apaixonada?

CELESTE

Sim.

VIOLETA

É por isto que não queres sair? Não queres
que a Nádia vá embora?

CELESTE

Não.

VIOLETA

Mas sabes que ela um dia tinha que ir, não
sabes?

CELESTE

Mas não quero.

VIOLETA

E já lhe disseste isso?

CELESTE

Tenho medo.

VIOLETA

Mas sabes... Vocês podem continuar a ver-se
depois. Só não vai estar contigo o tempo
todo.

12 CONTINUAÇÃO:

CELESTE liberta-se do abraço, acende a luz da mesa de cabeceira, que revela um quarto mobília escura e as paredes forradas de papel vermelho com motivos florais. Depois levanta-se.

VIOLETA (CONT.)

Vá lá. Queres que te ajude a fazer a mala?

CELESTE

E se a Nádia não me quiser ver depois?

VIOLETA

Então ia magoar-te de qualquer maneira. Dói muito, mas passa.

VIOLETA levanta-se. Mete a mão no ombro da irmã, que não a rejeita. Puxa-a para si e abraça-a outra vez.

VIOLETA (CONT.)

Não falta gente para gostar de ti.

CELESTE

Achas?... comigo, a ser assim?

VIOLETA

Acho.

13 INT. QUARTO DOS HOSPEDES - NOITE

VIOLETA acorda a meio da noite. Dormia apenas com um lençol sobre si. Usa um pijama leve. Ouve o ruído distante de um aspirador.

14 INT. QUARTO DE CELESTE - NOITE

A luz do corredor entra no quarto. CELESTE está deitada na sua cama, no limiar do sono. NÁDIA dorme tranquilamente a seu lado. A um canto está o aspirador ligado. VIOLETA entra no quarto, senta-se na borda da cama, acaricia a irmã.

CELESTE

(murmurando)

Vii... gostas de mim?

14 CONTINUAÇÃO:

VIOLETA

Gosto.

(ao ouvido de Celeste)

Muito.

CELESTE sorri. VIOLETA levanta-se e aconchega o cobertor do lado da irmã.

CELESTE

Deixa o aspirador ligado. Gosto do barulho.

VIOLETA sai, fechando a porta devagar. CELESTE fecha os olhos, ao ruído contínuo do aspirador.

15 EXT. RUA / JARDIM - DIA

VIOLETA, JOSÉ e NÁDIA olham para a varanda. CELESTE abre as portadas, envergando as faixas azul claro de Princesa do Reino Celeste. A bandeira desce e CELESTE dobra-a com cuidado. Volta para o interior da casa.

JOSÉ pega em duas malas que tinha junto de si e mete-as no porta-bagagens de um táxi que espera na rua, junto do portão aberto. VIOLETA ajuda-o.

CELESTE abre a porta da casa e desce as poucas escadas até ao jardim. Tirou as faixas e traz consigo a bandeira dobrada. JOSÉ vem ao seu encontro.

JOSÉ

Eu ligo mais logo. A tua irmã trata de ti entretanto, está bem?

JOSÉ afasta-se quando NÁDIA vem ao encontro de CELESTE. Ainda usa a sua bata. CELESTE olha-a nos olhos, e fala com ela em linguagem gestual - NÁDIA é surda-muda. VIOLETA observa, incerta do que dizem.

CELESTE (LINGUAGEM GESTUAL)

Preciso de te dizer uma coisa, mas tenho medo.

NÁDIA (LINGUAGEM GESTUAL)

(sorrindo)

O que é, diz lá?

15 CONTINUAÇÃO:

CELESTE (LINGUAGEM GESTUAL)

(suspira)

Acho que estou apaixonada por ti.

NÁDIA sorri.

NÁDIA (LINGUAGEM GESTUAL)

Eu sei.

CELESTE entrega a bandeira a NÁDIA. As duas mulheres abraçam-se. Depois NÁDIA beija CELESTE no canto da boca.

VIOLETA aproxima-se.

NÁDIA (LINGUAGEM GESTUAL) (CONT.)

A gente vê-se por aí. Está bem?

VIOLETA

(para Celeste)

Preparada?

CELESTE (LINGUAGEM GESTUAL)

(para Nádia)

Vou ter saudades.

CELESTE (CONT.)

(para Violeta)

Vamos lá.

VIOLETA aperta a mão a NÁDIA antes de dar a mão à irmã. As duas saem para a rua, seguidas por JOSÉ e NÁDIA. VIOLETA abre a porta do táxi, entra e estende a mão a CELESTE. CELESTE volta-se uma última vez para NÁDIA:

CELESTE (LINGUAGEM GESTUAL) (CONT.)

Escreves?

NÁDIA acena afirmativamente. CELESTE aceita a mão de VIOLETA e entra no táxi.

JOSÉ

Boa viagem. Logo eu ligo.

JOSÉ fecha a porta do táxi, dá um passo atrás para junto de NÁDIA. O táxi entra em andamento.

16 INT. SALÃO - FINAL DE TARDE

O salão está agora vazio, salvo a presença de caixotes empilhados num canto e várias cadeiras de plástico, que JOSÉ vai ordenando em filas. NÁDIA entra. Usa uma t-shirt branca e calças de ganga. Tem um grande saco de viagem a tira-colo.

JOSÉ aproxima-se e abraça NÁDIA.

JOSÉ

Obrigado.

17 EXT. RUA / JARDIM - FINAL DE TARDE

NÁDIA fecha o portão. Um táxi espera na rua. Na vedação exterior, há um grande letreiro que diz "Leilão de Antiquidades - Dia 20, 16h".

O TAXISTA ajuda-a a colocar o saco de viagem na mala. NÁDIA entra no táxi.

Ficamos com um longo GRANDE PLANO DE NÁDIA:

O carro entra em movimento. NÁDIA não olha para trás.

CROSSFADE PARA:

18 INT. METRO DE SUPERFÍCIE - DIA

Uma paisagem urbana, prédios altos e vulgares, desfila da esquerda para a direita enquadrada pela janela da carruagem.

VIOLETA observa a paisagem exterior, de mão dada a CELESTE, sentada a seu lado. As irmãs partilham headphones.

19 INT. APARTAMENTO DE VIOLETA - ENTRADA - DIA

JOSÉ abre a porta, entra com alguns sacos de compras. VIOLETA aparece e ajuda-o com os sacos.

20 INT. APARTAMENTO DE VIOLETA - QUARTO - DIA

No pequeno quarto, aspirador arrumado um canto, CELESTE usa o computador. VIOLETA entra e espreita o ecrã: uma das fotos tiradas a Nádia, inserida num site de aspecto profissional de título "Reino Celeste".

CROSSFADE PARA:

21 INT. GALERIA DE ARTE - NOITE

A galeria é um espaço branco e asséptico. Grandes ampliações das fotos encenadas por CELESTE estão penduradas nas paredes. É dia de inauguração, com um número modesto de visitantes.

JOSÉ é a única pessoa que usa fato e gravata. O fato é algo apertado e JOSÉ sente-se desconfortável. Observa uma das fotos que VIOLETA havia tirado a CELESTE no Salão. Olha para as suas filhas do outro lado da sala, satisfeito.

As irmãs estão a um canto, observando as pessoas. VIOLETA usa um vestido de aspecto sofisticado enquanto CELESTE, discreta, usa roupa preta e óculos de massa.

Alguém que acaba de entrar chama a atenção de CELESTE: uma RAPARIGA alta, loira e de feições vagamente eslavas, que usa um vestido azul com uma estrela bordada no peito. CELESTE ajeita o seu cabelo e sorri.

FADE OUT.

FIM.